

AT 10 – POLÍTICA E ECONOMIA

**Brasil acima de tudo, mercado acima de todos: as
contradições entre a política econômica neoliberal e a
retórica nacionalista do governo Bolsonaro**

**Luiz Fernando de Paula (IE/UFRJ, Iesp-Uerj)
Pedro Lange Netto Machado (Iesp-Uerj)**

Problemática do artigo

- Diante da agenda econômica ultraliberal implementada sob a gestão de Paulo Guedes, no ministério da economia, o caráter nacionalista do governo Bolsonaro vem suscitando debates acadêmicos em torno de suas origens e justificativas.
- Zo Bresser-Pereira (2019), temos, no Brasil, "um estranho casamento, entre um nacionalista de extrema-direita e o neoliberalismo, enquanto no mundo rico o nacionalismo de direita se opõe ao neoliberalismo".
- Para Boito Jr. (2020), o nacionalismo de Bolsonaro pode ser compreendido à luz da natureza fascista do movimento político que representa, sustentando-se sobretudo no campo discursivo, mesmo diante do aprofundamento de uma política econômica tida como "entreguista" e já levada a cabo desde o governo Temer.
- Em linha semelhante, Freixo e Pinheiro-Machado (2019, p. 19) incorporam a retórica nacionalista e "patriótica" à sua definição de bolsonarismo, que se caracteriza também por uma visão de mundo ultraconservadora e "crítica a tudo aquilo que esteja minimamente identificado com a esquerda e o progressismo".

Objetivo e metodologia

- O artigo tem como objetivo explorar as contradições entre a política econômica do governo Bolsonaro e a retórica nacionalista ostentado pelo mesmo. Argumenta-se que não há contradição entre ambos se compreendido o fundamento do nacionalismo bolsonarista.
- De fato, quando analisada puramente a esfera econômica, constata-se que a agenda ultraliberal implementada pelo ministro da economia, Paulo Guedes, em nada se coaduna com o que se entende por nacionalismo econômico. Entretanto, uma vez levado em conta o caráter populista do governo Bolsonaro, o verniz nacionalista pode ser esclarecido.
- Nesse sentido, a hipótese em questão se desdobra em duas etapas: em um primeiro momento, analisa-se a estratégia e as opções de política econômica dos dois primeiros anos do governo Bolsonaro à luz de considerações teóricas acerca do nacionalismo econômico e de experiências recentes de governos de extrema-direita; em seguida, o modus operandi bolsonarista é confrontado com o que a literatura acadêmica vem entendendo como populismo.
- A metodologia adotada consiste na revisão da literatura especializada nos referidos temas, além de artigos em jornais e blogs especializados, que respalda a análise tanto das medidas econômicas implementadas pelo governo Bolsonaro quanto do discurso do presidente

Estrutura do artigo

- 2. Nacionalismo econômico e populismo
 - 2.1. Nacionalismo econômico
 - 2.2. Populismo
- 3. Nacionalismo econômico e política econômica do Gov. Bolsonaro
 - 3.1. Nacionalismo econômico do governo Bolsonaro
 - 3.2. Política econômica neoliberal de Bolsonaro e Guedes
 - 3.3. Populismo bolsonarista
- 4. Conclusão

Nacionalismo econômico

- Uma definição bastante aceita sobre o conceito de nacionalismo econômico é o de Helleiner (2002), 2º o qual ele se assenta no imperativo de servir interesses nacionais e de proteger a identidade nacional, permitindo a promoção de unidade, identidade e autonomia da nação a ser alcançada através de uma variedade de políticas economicamente “nacionalistas”.
- 2º Bresser-Pereira (2019), o nacionalismo econômico pressupõe “a existência de uma nação capaz de formar coalização de classes nacionalista e desenvolvimentista e definir um projeto nacional de desenvolvimento” (p. 856), sendo desenvolvimentismo – enquanto “ideologia do *desenvolvimento* voltada para a industrialização tendo como pressupostos uma intervenção moderada do Estado na economia e a defesa do interesse nacional em um mundo no qual a competição entre as nações é mais forte que a cooperação” (Idem, p.853) - e *nacionalismo* são vistos como expressões quase sinônimas.

Experiência de governos de extrema-direita

- Bhuhm e Varga (2019), ao analisarem Rússia, Hungria e Polônia, e sustentam que tais países combinam nacionalismo econômico – subordinando a economia aos interesses nacionais e ao imperativo de proteger a identidade nacional – e conservadorismo, reorientando as políticas econômicas para servir a família tradicional.
- Os autores intitulam esta combinação de “estatismo desenvolvimentista conservador”, em que o estado desenvolvimentista deve buscar um “*catch-up*” capitalista alternativo à abordagem neoliberal, e, para tanto, deve ter controle sobre setores chaves da economia como setor bancário e energético, sendo o estatismo desenvolvimentista associado a um projeto conservador.
- O intervencionismo estatal em tais países busca restabelecer algum controle sobre o sistema de crédito para promover o investimento e selecionar setores domésticos que são entendidos como cruciais para o desenvolvimento, combinado com um componente de bem-estar social redistributivo conservador, tendo como foco as famílias de classe média, incluindo, entre outras, medidas de transferência de renda para famílias com mais filhos e ampliação de benefícios sociais.

Turquia do Partido de Justiça e Desenvolvimento (AKP)

- Combina implementação de políticas neoliberais – com destaque para a adoção de um banco central independente no contexto de um regime de metas de inflação, a liberalização do mercado de trabalho em 2003 adotando uma legislação mais flexível e trabalho em tempo parcial e/ou terceirizado, e a privatização de empresas estatais – com expansão do estado do bem-estar social, através da ampliação do sistema geral de seguro de saúde, antes limitado a trabalhadores formais e funcionários públicos, e do programa de transferência condicional de renda voltado para diminuir a pobreza.
- A crise de 2018-2019 e as respostas políticas do governo indicam que pode haver uma transição do “*desenvolvimentismo relutante*” para o pós-neoliberalismo: uma orientação política que consiste em implementação ad hoc e incoerente de medidas limitadas de substituição de importação para reduzir dependência, e o envolvimento crescente do estado na economia, não apenas por meio de estímulos expansões de crédito lideradas pelos bancos públicos, mas também por meio do estabelecimento do novo Fundo de Riqueza. Mesmo que não tenha havido um desvio claro da ortodoxia neoliberal, os legisladores têm cada vez mais implementado políticas não convencionais, incluindo o aumento do ativismo estatal e, após a crise cambial em 2018, a implementação de restrições aos movimentos de capitais. (Akçay, 2020)

Nacionalismo econômico do governo Bolsonaro I

- Segundo Boito Jr. (2020) a diferença em relação ao Governo Temer é que este era entreguista, tal qual o de Bolsonaro, mas praticava esse entreguismo de modo discreto, enquanto que o Governo Bolsonaro pratica-o alardeando o nacionalismo. Isto faz parte do comportamento populista do Presidente Bolsonaro, o que não era o caso do Presidente Temer.
- Para Boito Jr. (2020), o nacionalismo de Bolsonaro tem substância própria e pode reivindicar-se nacionalista, mas um nacionalismo do tipo fascista e conservador, com uma “ideologia pró-capitalista, racista e patriarcal, que seriam, para os bolsonaristas, os atributos da nacionalidade brasileira”, além de se expressar no discurso contra o globalismo, contra as instituições multilaterais, e no mero fetiche de símbolos nacionais.

Nacionalismo econômico no governo Bolsonaro II

- As evidências do Governo Bolsonaro são de um governo profundamente antinacionalista do ponto de vista econômico e da política externa, dado seu alinhamento subalterno aos interesses norte-americanos (incluindo a entrega da Base de Alcântara aos EUA), adoção de políticas econômicas neoliberais (com um viés fortemente desnacionalizante), mudança do regime de exploração do petróleo do pré-sal a pedido das petroleiras estrangeiras, etc.
- Paradigmática foi a decisão do Presidente Bolsonaro, logo no início de seu governo, de não exercer seu poder de veto (cláusula de *golden share*) em relação a incorporação da Embraer pela empresa norte-americana Boeing.
- A experiência brasileira contrasta em relação ao nacionalismo econômico de outros governos de ultra-direita.

Política econômica neoliberal de Paulo Guedes I: “Tatcherismo tupiniquim”

- Manejo convencional das políticas macroeconômicas – política monetária voltada para metas de inflação, visão de austeridade da política fiscal com implementação do teto de gastos, e política de câmbio flutuante – e implementação de reformas liberalizantes: (i) reforma trabalhista aprovada ao final de 2016, com uma série de flexibilizações no mercado de trabalho; (ii) teto dos gastos, que implementa um congelamento real dos gastos do governo por 20 anos, ao estabelecer que o gasto público será reajustado pela inflação do ano anterior; (iii) reforma previdenciária aprovada em 12/11/2019
- 2 pressupostos teóricos: (i) “supply side economics” (políticas voltadas para oferta, como melhoria ambiente negócios, desregulamentação, instituições pró-mercado), ii) contração fiscal contracionista.
- Problemas: Problema da economia brasileira é de falta de demanda com elevada capacidade ociosa (desemprego de 11,6% em 02/2020) e respaldo empírico da hipótese da contração fiscal contracionista é frágil (identifica padrão de correlação, omissão de variável relevante)
- Teto de gastos impede uso de políticas fiscais contracíclicas; renda emergencial?

Política externa do governo Bolsonaro

- Governo Bolsonaro promoveu rupturas com o multilateralismo e progressismo que historicamente orientaram a política externa brasileira. Na guerra cultural deflagrada pelo bolsonarismo, esta é uma dimensão proeminente para a afirmação da identidade nacional do Brasil como país conservador e cristão – condição esta que, segundo os ideólogos do governo, estaria sendo ameaçada por valores e instituições supranacionais.
- 2º Casarões (2020), daí decorre sua postura marcadamente anti-globalista, que visa a descredenciar acordos e organizações internacionais sob o pretexto de resguardar a soberania dos Estados nacionais, assim como seus valores, interesses e particularidades. Como consequência, combater o globalismo seria uma necessidade patente.
- Alinhamento automático do governo brasileiro aos EUA de Trump vem se traduzindo em um papel subserviente do Brasil frente aos interesses norte-americanos. Exemplos notórios nesse sentido, ocorridos ainda em 2019, foram o país ter aberto mão de seu status de nação em desenvolvimento na OMC em troca do apoio norte-americano a seu pleito de ingresso na OCDE – o que sequer ocorreu –, assim como a concessão de acesso estadunidense à base militar de Alcântara.

Populismo I

- 2º Laclau (2005) o populismo nasce da justaposição de movimentos heterogêneos de insatisfação popular com os canais vigentes de representação democrática. Assim, distintas demandas sociais, quando não atendidas pelo governo, aglutinar-se-iam em uma única demanda social, hostil ao establishment e encarnada no movimento populista, que catalisaria o antagonismo entre povo e governo.
- Milanovic (2016) analisa a ascensão do populismo nos “países perdedores” da era da globalização, que, em oposição aos asiáticos, vivem em uma situação de quase estagnação econômica, com crescente concentração de renda, precarização de postos de trabalho e encolhimento de suas respectivas classes médias.

Populismo II

- Para Mudde e Kaltwasser (2017) o populismo é uma ideologia mobilizada em favor da vitória eleitoral. Com esta finalidade, três características basilares comporiam seu núcleo: o de um “povo”, propositalmente tratado como homogêneo, que teria sua “vontade geral” impedida de se realizar devido à ação de uma “elite corrupta”, que agiria apenas em seu próprio interesse. Tal alienação do establishment do restante do povo permitiria descredenciar os canais institucionais de representação democrática, justificando o estabelecimento de canais diretos de comunicação entre o líder populista e seus eleitores.
- Müller (2016) observa como lideranças populistas reivindicam apenas para si a legítima representação popular, buscando minar a pluralidade inata à democracia liberal. Assim, o establishment desponta como alvo frequente de seus ataques, que visam a deslegitimar os demais canais de representação democrática.
- Urbinati (2018), no entanto, diferencia o autoritarismo ditatorial e explícito do populismo a partir do caráter ficcional de democracia que este almeja alcançar. Isso porque lideranças populistas não teriam como objetivo colocar um fim aos procedimentos formais da democracia, mas sim desfigurar seus princípios liberais norteadores.

Populismo bolsonarista I

- Ano eleitoral de 2018: contexto de forte insatisfação popular com a democracia e establishment político, segundo dados do Latinobarómetro. Crises política e econômica e escândalos de corrupção.
- Discurso de lançamento da candidatura com elementos populistas.
- Fomento ao conflito com o establishment: "Meu partido é o Brasil"
- Apelo frequente a símbolos nacionais e apoio das forças armadas.
- Suposta defesa da soberania nacional em discurso sobre a Amazônia na ONU.

Populismo bolsonarista II

- Embates com o Congresso Nacional e o STF.
- "Nós não queremos negociar nada. Nós queremos é ação pelo Brasil. O que tinha de velho ficou para trás. Nós temos um novo Brasil pela frente. Todos, sem exceção, têm que ser patriotas e acreditar e fazer a sua parte para que nós possamos colocar o Brasil no lugar de destaque que ele merece. Acabou a época da patifaria. É agora o povo no poder" (19 de abril de 2020).
- "Eu sou, realmente, a Constituição" (20 de abril de 2020).
- Comunicação direta com base popular via twitter.
- Nacionalismo construído a partir da retórica de apelo a símbolos nacionais e patrióticos e da reivindicação de único porta-voz dos interesses do povo.

Conclusão

- Para finalizar, voltamos à questão que reside no título do artigo: as contradições entre a política econômica do governo Bolsonaro e sua retórica nacionalista.
- Nossa análise mostra que, do ponto do nacionalismo econômico e da sua política externa, o governo Bolsonaro tem adotado políticas que vão de encontro aos objetivos de busca de uma soberania nacional plena e de defesa do interesse nacional em prol de uma estratégia de desenvolvimento que tem na intervenção estatal e no multilateralismo (e pragmatismo) na política externa um meio para esses fins.
- Em contrapartida, ao adotar uma política econômica neoliberal e anti-nacionalista do ponto de vista econômico e uma política externa subalterna aos EUA de Trump, ele combina essas opções com uma postura populista, que inclui um discurso antissistema, a busca de uma conexão direta com o povo declarando-se como legítimo representante deste, e uma exaltação aos símbolos nacionais.
- Essa combinação entre política neoliberal e uma retórica nacionalista pode, portanto, ser entendida no contexto do populismo bolsonarista, que parece não ter paralelo em outras experiências recentes de governos de extrema direita.